



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Giovani José dos Santos Duarte

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-208

Entrevistado/a: Giovani José dos Santos Duarte

Nascimento: 16/11/1963

Local da entrevista: Residência do entrevistado, Canoas - RS.

Entrevistadora: José Patrício Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 16/01/2011

Transcrição: José Patrício Cunha Pinheiro

Conferência Fidelidade: Silvana Vilodre Goellner

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: José Patrício Cunha Pinheiro

Mídia: Gravador digital

Total de gravação: 23 minutos e 39 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

DUARTE, Giovani José dos Santos Duarte. *Giovani Duarte (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

História de vida e a inserção do entrevistado nas corridas de rua de Porto Alegre; sua participação em corridas regionais e nacionais; participação em mais de 40 maratonas; a Maratona de Porto Alegre; mudanças e evolução da maratona de Porto Alegre; clubes de corridas de Porto Alegre.

Canoas, 16 de janeiro de 2011. Entrevista com Giovani José dos Santos Duarte, a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Canoas, 16 de janeiro de 2011, entrevista número 1 para o Centro de Memória do Esporte da UFRGS¹. O entrevistado é Giovani José dos Santos Duarte, às 12horas e 20minutos. Giovani, quando começou o teu interesse pelo esporte de corrida?

G.D. – Eu comecei a correr desde cedo, no período de colégio, acho que com 10 ou 12 anos de idade eu já corria. Eu gostava de correr, gostava das aulas de Educação Física; nas atividades escolares eu me destacava nas corridas. Eu me lembro que, entre jogar futebol de salão, vôlei, algumas outras coisas -, mas não era um dos melhores - eu sempre me destacava nas corridas; nas competições internas do colégio eu chegava nas primeiras posições. Então eu me lembro que eu sempre gostava de correr e os professores me inscreviam para as competições internas do colégio. Eu nunca participei dos jogos estudantis, mas eu me lembro que dentro do colégio, quando tinha as atividades eu corria e chegava bem; a primeira vez que eu corri uma competição foi a do Bradesco Saúde, que eu vi uma propaganda naquela agência do Bradesco da Otávio Rocha tinha um cartaz, um folder e eu já trabalhava no centro naquela época. A corrida foi na Redenção² num sábado à tarde.

J.P. – Tu te lembrás do ano dessa corrida ou não?

G.D. – Olha, essa corrida foi em 82-84 por ai, já faz bastante tempo. Acho que foi mais ou menos nessa época, 82-84, eu vi o anúncio na rua, na televisão alguma coisa assim que eu fiz isso ai; agora da data mais ou menos assim, porque eu corri a primeira maratona de Porto Alegre em 86, e eu já tinha corrido 3 ou 4 corridas por ano quando eu fiz a primeira maratona. Então eu imagino que deve ter sido nessa época de 82-83 por ai porque em 86 eu fiz a primeira maratona.

¹ Numeração referente às entrevistas realizadas para a elaboração do Trabalho de Final de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro

² Parque Farroupilha, localizado na zona central de Porto Alegre.

J.P. – O que te levou a correr maratonas, sair de corridas de distância menores para maratonas, o que te levou a correr assim?

G.D. – Eu corri a Maratona de Porto Alegre por que era o que se anunciava, tinha outras corridas como o Corre-corre das Lojas Renner, da Petrobras, tinha a Meia-maratona de Porto Alegre que era patrocinada e tinha propaganda, tinha anúncio, aí as pessoas iam. Eu ia porque eu via anúncio no jornal, alguma outra corrida que era divulgada a do Professor Gaúcho, por exemplo, eu ia assim, no sentido de no que havia de divulgação na mídia, o que é feito hoje, as pessoas se inscrevem por que vê anúncio na TV, na mídia e as pessoas participam. Eu comecei nas corridas e na maratona por que tinha divulgação, então, eu corri a primeira e a segunda Maratona de Porto Alegre praticamente sem treino específico. Hoje eu vejo que eu treinava na época e não sabia que distância exata, correndo ali em volta do Hipódromo do Cristal, pela Otto Niemayer, Av. Cavallhada, Campos Velho³, mas eu vejo que eu corria uns 12 a 15 Km a cada dois dias. Não tinha uma disciplina de treino, nem orientação, não tinha nada, mas eu gostava de sair no final do dia para correr na época de verão sem método, sem metodologia. Eu corria a maratona porque tinha anúncio, daí eu corria até os 30 km e depois caminhava a maior parte da prova, minhas primeiras maratonas eu terminei com o tempo de 4 horas e 30 minutos.

J.P. – Desde que tu começaste a correr as maratonas como era a participação do público entorno da Maratona?

G.D. – A maratona, especificamente em Porto Alegre, eu nunca via uma grande acolhida pelas ruas por onde ela passa. Não se vê um grande público, tu encontras locais com pessoas, tu encontra nichos de público, tem setores que hoje tu corre e não vê pessoas, mesmo em áreas residências tu vê poucas pessoas, dentro do potencial de pessoas que poderiam ter, pela quantidade de imóveis que tem no percurso da corrida. É claro que na área central da cidade, que é área comercial, até se entenda que não tenha público, mas quando tu passa para uma área residencial, em certos lugares tu vai ter um bom público. Aquela região ali do Parcão⁴ tu tem um bom público por que é um local que traz gente para a rua, então, se tem um bom público, mas em outros locais não; tu passas uma parte do

³ Ruas situadas na Zona Sul de Porto Alegre.

⁴ Parque Moinhos de Vento, criado em 1972.

Menino Deus⁵ que tem poucas pessoas e que poderia ter um público maior. Na zona sul de Porto Alegre tu encontra um certo público próximo à Praça da Otto Niemayer, normalmente, tem um bom público, tu encontra algumas pessoas na região da Assunção, tudo são pequenos nichos de concentração de pessoas.

J.P. – A prova de Porto Alegre já mudou o percurso algumas vezes durante todos esses anos?

G.D. – Sim, eu corri, praticamente, quase todos os percursos que ela teve na sua integra. As primeiras vezes ela largava do Parcão, a gente corria ali pela Aparício Borges, Avenida Teresópolis, Cavalhada, Coronel Marcos, vinha pelo Cristal, pegava o centro da cidade e retornava ao Parcão. Depois tinha em período ela sai mais para o lado da Avenida Beira-rio, Bento Gonçalves, e ai se tirou aquela parte da Cavalhada, Teresópolis, ficando mais pela área central de Porto Alegre. E um ano, exclusivamente ela foi feita em outubro, já ocorreu em abril, tradicionalmente era em abril, depois em maio, uma vez só que eu me lembro e ela largou no sentido da Avenida Farrapos, Rodoviária, na região da Rua Voluntários da Pátria, se buscou o centro, Beira-Rio⁶, depois correu em direção ao Olímpico⁷, as ruas Bento Gonçalves, Ipiranga e chegando novamente no Parcão, então ela vem, quase que definitivamente, para a região que ela larga atualmente. Hoje ela é muito mais plana e rápida do que as primeiras e diminuiu bastante o número de aclives (lombas como dizem); o percurso se tornou mais rápido, e se isolou um pouco, saiu de dentro da cidade, acho que antes o percurso passava por quase toda a cidade, mas dava um transtorno enorme para o trânsito. Claro o trânsito naquela época era bem menor, hoje em dia seria um caos na cidade pelo número de carros, pelos cruzamentos, até a segurança dos corredores ficaria prejudicada, a estrutura teria que ser bem maior se tivesse mantido aquele percurso pela zona sul. Hoje ela está deslocada mais para um lado, digamos um canto da cidade, e onde o trânsito não prejudica tanto o fluxo das pessoas, acho que melhorou nesse aspecto.

⁵ Bairro situado entre o centro e a zona sul de Porto Alegre.

⁶ Estádio do Sport Club Internacional, inaugurado em 6 de abril de 1969.

⁷ Estádio do Gêmio Foot-Ball Clube Porto Alegrense, inaugurado em 19 de setembro de 1954.

J.P. – Quantas maratonas tu já fizeste e tu participas todos os anos da maratona de Porto Alegre?

G.D. – De 91 pra cá eu tenho registrado 47 maratonas, mas eu tenho alguma coisa perto de 50 maratonas. Dessas 47 eu tenho data, local, a maioria delas eu tenho tempo, classificação, acho que umas 40 eu tenho os dados completos, umas 7 ou 8 deve estar faltando alguma informação, em termo de tempo e classificação no geral e categoria, mas em linhas gerais eu devo com certeza ter participado de umas 50 maratonas, destas a maioria em Porto Alegre. Poucos anos eu não corri a Maratona de Porto Alegre, poucos anos mesmo, pela facilidade de estar aqui, ser uma prova boa, com a garantia de ter uma maratona no ano; moro aqui, gosto da prova, ela é bem organizada, então eu tenho boas lembranças da Maratona de Porto Alegre. Minhas duas melhores marcas são na Maratona de Porto Alegre, eu gosto de participar dela, me sinto bem; uma coisa que eu vejo e para mim me dá a tranqüilidade e confiança é saber onde eu estou correndo. Em Porto Alegre eu sei que vou dobrar uma esquina e vou encontrar tal estabelecimento comercial, a rua que vem à frente, a topografia que eu vou encontrar isso me dá uma segurança, uma confiança que eu não tenho em nenhuma outra maratona em lugar nenhum.

J.P. – E nesses anos todos, tu viste evolução na Maratona de Porto Alegre?

G.D. – Sim, sem dúvida, a Maratona evoluiu em todos os aspectos: em termos de organização, de patrocínio, de participantes, de divulgação, a Maratona ela cresceu, a cidade cresceu, ela tomou uma importância muito grande, ela evoluiu em termos de organização. As primeiras Maratonas não tinham premiação ou quanto muito conseguiam um brinde ou alguma outra coisa... Eu, inclusive, tenho um vigésimo lugar na geral na Maratona que eu não tenho nada de recordação desta prova por que a premiação era muito restrita; eu fui o 6º colocado na categoria e a premiação era até o 5º lugar, e era isso que se fazia na época, era assim, as corridas eram essas. E hoje não: hoje em dia se tem todo o trânsito organizado, tem apuração eletrônica, coisas que antigamente não existiam. Você corria se cuidando do trânsito, os principais cruzamentos eram fechados, eram sinalizados havia as placas indicativas que tinha corrida, mas a gente tinha uma preocupação com o trânsito porque ele não era em toda sua plenitude fechado, balizado ou isolado. Hoje seria impensável fazer uma Maratona sem todo esse aparato de segurança, até pelo número de

peessoas que correm hoje a Maratona, nem sei quantas vezes cresceu o número de participantes. Eu imagino que as primeiras maratonas tivessem em torno de cento e poucos, duzentos participantes, hoje nós estamos ai com mais de 1200, 1500 participantes, então seria inviável, impensável, você manter uma organização de uma corrida com 1500 participantes com o trânsito liberado, correndo por toda a cidade. Então evoluiu em termos de organização, de premiação, de divulgação, cresceu como toda a sociedade evoluiu a prova também evoluiu.

J.P. – Tu achas que a prova poderia crescer ainda mais em número de participantes ou ela poderia se tornar uma prova com maior qualidade?

G.D. – Não, eu vejo que a prova tem potencial para atender uns 3000 maratonistas. Acho que seria uma equação adequada para ela, porque a Maratona tem um custo de patrocínio, de divulgação, de estrutura para entrega dos kits, para recepcionar as pessoas, distribuir os pontos de água, frutas, hidratantes entre outras coisas. Vejo que a estrutura que ela disponibiliza hoje para atender aproximadamente 1200-1500 corredores pode ser mantida para atender 3000, acho que não precisaria envolver mais pessoas do que ela envolve hoje, mantendo o mesmo custo da organização da prova, podendo dobrar o número de corredores hoje, que participam dela. Claro que é um sonho ter 10000 a 15000 participantes, isso divulgaria a cidade de uma forma extremamente favorável; agora é inviável, não se vê esse número de participantes, a prova em si não tem esse atrativo, não tem um apelo tão grande para chegar a esse número, mas para uns 3 mil corredores acho que sim, em termos de número de participantes. Em termos de qualidade dos corredores ai teria a questão de premiação, porque o que traz bons corredores para se ter uma boa marca, para se ter um bom resultado, por exemplo, um atleta ganhar a maratona com 2 horas e 9 minutos, 2 horas e 8 minutos. Porto Alegre poderia fazer isso se tivesse uma excelente premiação em dinheiro, dai você poderia qualificar, mas você estaria trazendo vinte ou trinta atletas a mais, e dentro do contexto geral, pouco tende a acrescentar em termos de número de participantes. A gente sabe que uma prova com um número expressivo de participantes facilita na hora de comercializar, de conseguir patrocínios ou então boas marcas, um bom nível de atletas também atrai pelo retrospecto que isso vai gerar lá fora, divulgação, até o próprio histórico da prova. Olha, em Porto Alegre, um atleta já correu para 2 horas e 9 minutos ou frequentemente corre. Isso cria um retrospecto muito favorável

para a prova, uma prova com 3 ou 5 mil atletas tem um retrospecto importante; no momento de negociar um patrocínio isso contaria pontos importantes; então acho que 3 mil participantes é um número razoável, se ela tiver uma boa premiação em dinheiro ela vai ganhar tanto em qualidade quanto em quantidade.

J.P. – Qual a importância dessa prova ser realizada e organizada por um clube de corredores?

G.D. – É importante pelo aspecto de qualidade de conhecimento que essas pessoas têm, por que os corredores sabem as dificuldades que um atleta passa. Eles sabem da necessidade que um atleta tem de repor líquidos, de se alimentar, do que ele vai precisar depois que ele vencer a linha de chegada, um atendimento médico, clínico ou de uma massagem ou de um alongamento ou de alimentação. Uma pessoa que só tem a teoria, (alguém que só se preocupa) às vezes é importante ter a pessoa que só tem a teoria com certeza, mas se deixar só ver a questão financeira, ou deixar de lado o atleta e se preocupar com a questão operacional, financeira, lucro, custo, benefício acaba ou não fazendo a prova ou fazendo a prova de maneira que não atenda ao que os atletas querem ao ponto que uma pessoa que corre que participa, um clube formado por corredores. Eles têm a dimensão exata daquilo que o corredor realmente precisa, tem as questões de percurso, o desgaste, o tipo de piso, que acontece e o que não acontece com musculatura; isso só quem corre dá valor, sabe da importância disso e entende isso, um grupo de corredores sabe quando um atleta chega lá e se manifesta descontente disso ou descontente daquilo e ele entende por que o atleta falou isso, enquanto que uma pessoa teórica ou voltada só para a questão financeira ou negócio, as vezes, acho aquilo irrelevante ou preciosismo demais de um ou de um grupo de atletas, eu acho que se ganha muito quando alguém da área organiza.

J.P. – Há uma interação entre os atletas em um evento tão grande desses?

G.D. – Sim, sem dúvida, os maratonistas formam grupos de amizade, de companheirismo, de coleguismo que tu consegue trocar idéias, falar, surgir amizades, em função da maratona. Por correr 2 ou 3 maratonas ao ano sempre acaba-se encontrando ou reencontrando, marcando um prova com essa pessoa que corre. Às vezes corre no mesmo

nível, ou se conhecem de outras maratonas e acabam fazendo turismo, indo visitar outras cidades em função de uma maratonas ou por que esse amigo, essa pessoa que ele conheceu já gostou, recomendou ou vão indo juntos para enfrentar novamente um desafio. Então há muita troca de experiências, troca de informação sobre material esportivo, sobre tênis, camisa, relógio, a forma de alimentação, a forma de treino, até a questão de turismo, indicação de locais, cidades que visitaram, que acharam atraente, que gostaram, e recomendam; então, há sempre uma conversa amistosa e prazerosa entre os maratonistas.

J.P. – Então para finalizar, gostaria que tu deixasses uma mensagem de quem já correu 50 maratonas para os novos maratonistas.

G.D. – A maratona é uma prova apaixonante e quem já correu uma ou duas maratonas ou pretende correr uma maratona faça isso com sabedoria, faça com preparo. Se você já correu e teve algum desconforto, não abandone, não abandone, se prepare, se prepare para fazer bem uma maratona; não faça com problemas de saúde, com problemas pessoais sérios, resolva essas questões, fazer uma maratona é desgastante e ela não pode ser motivo de tortura. A maratona é motivo de alegria, de felicidade; se prepara, treina se não poder correr por um ano ou dois, se prepara para o terceiro ano; tem que ter condições para sair vitorioso, então é uma coisa apaixonante e ela não deve ser encarada como uma brincadeira, tem fazer com o coração, mas com disciplina.

J.P. – Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

